



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**JOÃO LUIS RIBEIRO ROLLA**

**(depoimento)**

**1993**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## **FICHA TÉCNICA**

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:**

**Entrevistado/a:** João Luis Rolla

**Nascimento:** 25/06/1912

**Local da entrevista:** Rádio FM Cultura

**Entrevistador/a:** Ivette Brandalise

**Data da entrevista:** 05.09.1993

**Transcrição:** Juliana Fernandes Lorenzoni/Maria Luisa Oliveira

**Copidesque:** Maria Luísa Oliveira

**Pesquisa:** Maria Luisa Oliveira

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 50 minutos e 46 segundos

**Páginas Digitadas:** 21 páginas.

**Observações:**

Entrevista cedida pela Rádio FM Cultura a pesquisadora Maria Luisa Oliveira para produção da pesquisa de Maria Luisa Oliveira sobre a escola de dança João Luiz Rolla.

<p>O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.</p>
---

## **Sumário**

Identificação; Início como atleta; Competições; Início na dança; Apresentações do Colégio Cecília Courseil Du Pasteur; Estimulo cultural familiar; Participação no balé A bela Adormecida como príncipe, na escola de Dança de Tony Seitz Petzhold; Prosseguimento de estudos na dança; Comentários sobre a música de Chopin; Relação do bailarino com o professor; Homens na dança; Discriminação; Preconceito; Comentários sobre a música de Ernesto Nazareth; Bailarino de Dança de Salão; Comentários sobre a música de Nazareth; Bailarino de tango; frequentador da noite de Porto Alegre; Comentários sobre a musica de Carlos Gardel; Sobre período atual sem trabalho; Recomendações médicas; Sobre espetáculo 2001 Uma experiência pelas fronteiras sem fim da dança; Comentários sobre Strauss; Comentários sobre a música Alto da Bronze de Paulo Coelho; Sobre a vida cultural de Porto Alegre; Sobre apostas no prado; Sobre aposentadoria; Sobre a Escola de dança João Luiz Rolla; Sobre a Ópera Aida; Sobre placa homenagem no Teatro São Pedro; Sobre título de cidadão emérito de Porto Alegre; Sobre a citação como verbete da enciclopédia Barsa; Comentários sobre a música Danúbio Azul; Sobre alunos talentosos; Sobre críticas positivas aos espetáculos; Sobre a coreografia A orquestra; Sobre Políticas Públicas; Sobre ser plateia; Comentários sobre a música de Prokofiev; Agradecimentos.

Porto Alegre, 05 de setembro de 1993. Entrevista com João Luiz Ribeiro Rolla a cargo da jornalista Ivette Brandalise cedida ao Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

I.B. – Ele nasceu em Porto Alegre e vive em Porto Alegre é um homem da dança, embora no início da sua vida tenha praticado esporte evidentemente no Esporte Clube Internacional. A dança começou no colégio, depois ele estudou com Tony Seitz Petzhold<sup>1</sup> e aprimorou a sua dança em São Paulo, Rio, Salvador, Montevideu e Buenos Aires aonde chegou a dançar. Teve depois a sua escola própria durante trinta anos e durante vinte e cinco anos lecionou dança no Araújo Viana<sup>2</sup>, nós vamos conhecer as músicas que fizeram a cabeça de João Luís Rolla. Tudo bem Rolla?

J.R. – As ordens dona Ivette.

I.B. – Que prazer tu estares aqui, Rolla, esse Rolla tem alguma coisa a ver com o Foguinho?

J.R. – Sim, em verdade somos primos, ele também praticava esporte, mas só que o meu esporte era atletismo e era do Inter, e ele era jogador de futebol do Grêmio. Há uma certa diferença.

I.B. – Tu eras mais sábio que ele desde então?

J.R. – É, e ele é um, talvez dois ou três anos, talvez mais velho do que eu, acredito. Ele do futebol e eu praticava atletismo.

I.B. – O que tu praticavas?

J. R. – Cento e dez com obstáculos, corrida com obstáculos, cento e dez com barreiras, e quatrocentos com barreira, corrida com obstáculos.

I.B. – Chegastes a competir?

J. R. – *Sim, muitas vezes!* Não fui um grande campeão, por que me faltava um pouco de estatura, mas fui um bom atleta vamos dizer.

---

<sup>1</sup> Antônia Seitz Petzhold

<sup>2</sup> Auditório Araújo Vianna em Porto Alegre.

I.B. – Sim!

J. R. – Colaborei bastante, ganhei medalhas, etc.

I.B. – E a dança, como é que aconteceu?

J. R. – Bom, a dança aconteceu de uma maneira bastante interessante. Em primeiro lugar, eu sempre gostei de teatro e de dança desde menino. Fui educado pelos meus pais a praticar e a assistir espetáculos, e daí então, veio... Eu entrei para um colégio em Porto Alegre, chamado Colégio Cecília Courseil Du Pasteur, hoje já não existe, e que fazia os seus encerramentos de Colégio no fim do ano com uma grande festa no Teatro São Pedro, é uma coisa muito interessante, até porque talvez possa lembrar aqui... Esse Colégio marcou uma época, porque ele era na esquina da Rua Marechal Floriano, a antiga Rua de Bragança, com a Rua Jerônimo Coelho.

I.B. – Eu não me lembro do Colégio, mas devia se estudar francês nesse Colégio, pelo jeito? Tu devias falar francês nesse Colégio?

J. R. – Sim, se aprendia o francês do primário, vamos dizer, porque os nossos professores, os nomes tanto a professora, quanto como o professor, aliás, tem uma Rua em Porto Alegre com o nome dele professor Ivo Courseil, só que o Colégio é Courseil Du Pasteur, que era a esposa dele que era uma das diretoras do Colégio. E aprendia-se, em verdade o francês, desde o primário, mas a minha ligação com a dança, era que este Colégio quando encerrava no fim do ano as suas aulas, eles saíam em desfile, descendo a Marechal Floriano a antiga Rua de Bragança, entrando para a Rua da Praia, ou a Rua dos Andradas, subíamos a ladeira e nos apresentávamos no palco do Teatro, uma festa evidentemente colegial. E lá nós, então, havia números de canto, números de dança, e números de ginástica e eu nessa ocasião me apresentei, aprendendo ginástica com um professor também muito... Eu gosto muito, saudosista, de lembrar do professor Georg Black, que é verdadeiramente a quem nós devemos a Educação Física quase no Rio Grande do Sul, e eu fui aluno dele dentro do Colégio, e ele fez uma apresentação, onde vários alunos, entre eles, eu, em que eu fui um solista, vamos dizer, em um trabalho de ginástica com escadas e esse trabalho tinha fundo musical, mas era ginástica mesmo... Bom, e dali então, eu sempre assisti espetáculo de teatro e de dança como eu disse, educado pela minha família, houve em Porto Alegre, o ano é que eu não me recordo bem, se foi em 1936, em que a professora Tony Seitz Petzhold, que também era professora de ginástica, e dança evidentemente, era

uma das pioneiras da dança aqui no Rio Grande do Sul, então, me convidou por saber que eu praticava esportes, essa coisa toda, para tomar parte de um grande espetáculo que iria se realizar em Porto Alegre, que eu creio que seja bastante importante também relatar. Era um espetáculo falado, cantado, e dançado, aí então, que veio a ocasião de eu entrar para a dança, eu e mais uns cinco ou seis rapazes de Porto Alegre, alguns até conhecidos, uns não seguiram carreira, vou citar alguns, a peça se chamava A Bela Adormecida, não a tradicional, com música tradicional, *não!* Era por um compositor chamado Walter Schültz Porto Alegre<sup>3</sup>, deves conhecer não é Ivette? Pois, o Walter Schültz com a dona Tony, montou o espetáculo, e a parte falada me parece que foi o Ovídio Chaves<sup>4</sup> que escreveu. Enfim, eu fui convidado, então, para tomar parte junto com mais quatro ou cinco rapazes, um deles era sapateador, é que eu não me recordo o nome, mas penso que era Rui Bohrer<sup>5</sup>, ele era sapateador, eu fazia ginástica, o outro era pianista, Aderbal D'avila, tocou piano por muitos anos, o outro era irmão do próprio autor Wigo Schultz, o outro era da Educação Física, eu só sei o sobrenome Heismann<sup>6</sup>, e era de Novo Hamburgo, não era de Porto Alegre, me falta só um, nós éramos seis. E entramos assim, sem conhecer, dança clássica, ballet ou qualquer coisa, a não ser para assistir, ou fazendo ginástica e esportes como eu fazia. Então a dona Tony organizou e eu dali aproveitei a ocasião e tomei um impulso, e continuei, então, não só tomando parte nesse espetáculo A Bela Adormecida, onde eu fui um príncipe encantado, e a bela adormecida foi a irmã da própria Tony, a Mausi Seitz Petzhold, não Petzhold não, agora é casada e tem um outro sobrenome, evidente. E tomei gosto pela dança que eu já tinha, gostava, mas havia um certo impasse, devido o homem estudar dança, eu resolvi enfrentar, eu e mais alguns destes rapazes...

I.B. – E a tua família?

J. R. – A minha família não pôs oposição, por uma razão, em primeiro lugar nós todos fomos educados, como eu lhe disse, assistindo teatro...

I.B. – Mas, assistir é uma coisa, e dançar é outra!

J. R. – Dançar é outra!

---

<sup>3</sup> Walter Schültz Porto alegre, compositor brasileiro.

<sup>4</sup> Ovídio Chaves, foi um poeta, letrista e jornalista brasileiro.

<sup>5</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>6</sup> Nome sujeito à confirmação.

I.B. – E fazer da dança uma profissão, é outra!

J. R. – É outra! E foi bem mais tarde como profissão. Eu continuei trabalhando, eu continuei praticando esporte e aprendendo dança junto com os rapazes, a maioria foi desistindo, talvez um só que seguiu, foi o Rui, o Rui Bohrer, esse me parece que era o nome dele, ele era sapateador e tudo, ramo um pouco diferente e nós... Eu fui tomando gosto, fui tomando gosto, e a dona Tony, já também “olha Rolla se quiser seguir carreira...”, e eu segui carreira e dali continuei estudando, estudando, até formar a minha própria escola.

I.B. – Rolla espera um pouquinho, o programa faz questão de mostrar as músicas que fizeram a tua cabeça, eu vou lembrar aqui a relação que tu fizeste para produção, valsas românticas de Chopin<sup>7</sup>, porque Chopin?

J. R. – Porque, em primeiro lugar a dança clássica está muito ligada ao romantismo, digam o que quiserem, embora sendo... A dança está ligada ao romantismo. Então as valsas de Chopin sempre pra mim, me davam uma emoção, para dançar mesmo naquele romantismo. O próprio bailarino quando ele está em aula, muitas músicas são de Chopin, certas valsas servem para fazer as “rond de jambe” e aula, para fazer um “plié”, um “demi plié”, ou coisas técnicas de ballet.

[Valsa de Chopin – ao fundo]

I.B. – João Luiz Rolla, hoje quando tu ouves uma valsa de Chopin, tu evocas o palco, tu te sentes dançando ainda?

J. R. – Sim, ainda me lembro!

I.B. – Pois esse rapaz que estudou dança, para ocupar o palco...

J. R. – Como?

I.B. – Para ocupar o palco, tu gostavas do palco?

J. R. – Sim, sim!

---

<sup>7</sup> Frédéric François Chopin, também chamado Fryderyk Franciszek Chopin, foi um pianista polonês radicado na França e compositor para piano da era romântica.

I.B. – Tu gostavas dos refletores?

J. R. – Sim, sim claro!

I.B. – Tu gostavas de plateia?

J. R. – Sim, claro!

I.B. – Como é que de repente tu abdicastes de tudo isso para ensinar a dança?

J. R. – Não, eu não abdiquei, foram consequências devidas de eu ter começado a dança um pouco tarde, como eu disse, era difícil um homem ingressar na dança, não era bem visto, hoje em dia não se... Nem se cogita mais isso.

I.B. – Mas, espera aí, poucos homens no Brasil entram para a dança.

J. R. – Poucos, mas já tem bastante, no Rio e São Paulo tem não é, como profissão mesmo.

I.B. – Tu foste discriminado por ter entrado na dança?

J. R. – Não, em absoluto, pelo contrário, fui muito bem recebido, coisa interessante deu-se exatamente a inversão. Senhoras e moças, e a própria sociedade me aceitou perfeitamente, não tenho reclamação nenhuma a fazer, pelo contrário, talvez tenha colaborado para levantar essa discriminação que havia contra o homem dançar, que é uma tolice, porque se vamos ao estudo da dança, que mais tarde eu como professor tive que aprender, e ler e estudar. A dança vem dos primórdios, desde o nascimento propriamente do homem, o homem dança! É que confundem a dança com ballet romântico, aí que há uma diferença, em que o homem usava manga de gaze, e vamos e venhamos. Mas, aquilo é um *período*, porque se vamos aos primórdios da dança, o indígena dança, e dançava e dança até hoje. O folclore está aí para nos provar.

I.B. – A dança em alguns países como a União Soviética, por exemplo, como Cuba, na União Soviética e em Cuba é uma coisa viril, na Espanha uma coisa viril. Aqui no Brasil, de um modo geral, o menino que entra para a dança de cara é taxado de homossexual.

J. R. – É exatamente!

I.B. – Essa é a constante? Um homem que não seja homossexual, ele ousa entrar para a dança?

J. R. – É difícil, hoje em dia o preconceito prevalece ainda dentro da... Mas, acho que está bastante melhorado, inclusive eu tive alunos que hoje são casados, e com as próprias esposas e dançam inclusive, tem alunos em São Paulo dançando, quer dizer, o preconceito ainda existe, mas muito menos. Acho que bastante, bastante menos que na minha época que era quase um escândalo.

I.B. – Rolla...

J. R. – Enquanto a palavra homossexual aqui, é uma coisa perigosa de se entrar, por uma razão, na minha opinião, porque se nós vamos olhar na arte, a arte está sempre ligada a certos desequilíbrios, se é que há um desequilíbrio na produção de arte. Porque não é só na dança, pintores, desenhistas e outras coisas, às vezes também são criticados...

I.B. – Tu estás falando em desequilíbrio, não entendi o que tu quer dizer com desequilíbrio?

J. R. – Não, porque é considerado o cara que, por exemplo, isso é, no caso, o homossexual, como nós entramos em um assunto perigoso, mas em todo caso, ele é considerado um cara desequilibrado, que não é bem como deveria ser, mas na arte nós vamos ver, que não só nisso, como na bebida, como em outras coisas o artista também...

I.B. – Sim, fora da arte também.

J. R. – Mas, isso é um assunto muito privado de cada um, e que não... Eu a mim, eu não tenho condições de fazer um debate.

I.B. – Ernesto Nazareth<sup>8</sup>, como é que entra na tua história?

J. R. – Ernesto Nazareth, é que nos meus tempos de baile de salão, havia uns chorinhos de Nazareth, e eu gostava muito de frequentar a sociedade e dançar os chorinhos de Nazareth, onde a gente podia mesmo, espalhar naquilo, usando mesmo a palavra, espalhar, porque o chorinho de Nazareth é uma maneira, no meu tempo de moço, tem que se reportar, eu estou com oitenta e um anos, têm que se reportar lá para os meus dezessete, dezoito, dezenove anos, os chorinhos de Nazareth marcaram bastante na minha vida vamos dizer.

---

<sup>8</sup> Ernesto Júlio de Nazareth, pianista e compositor brasileiro,

I.B. – Mas depois que tu, começaste a dançar nos palcos, tu abandonastes os salões, abandonastes os bailes?

J. R. – Abandonei um pouco, devido à idade, também, mas eu continuei. *Não*, mas voltando, eu comecei a dança tarde, como eu disse, com os meus vinte e tantos anos, mas eu continuei ainda indo a bailes, teve o meu período de gostar de dançar tango que estava em grande evidencia.

I.B. – Primeiro então vamos por o Nazareth, depois nós vamos por um tango para ti.

J. R. – É!

[Chorinhos de Nazareth – ao fundo]

I.B. – Rolla, falaste em tango e eu estou vendo uma relação aqui mano a mano não é?

J. R. – Há quem não goste!

I.B. – Estou vendo aqui, uma relação mano a mano com o Gardel<sup>9</sup>, tu foste bom no tango?

J. R. – Fui! Posso dizer que fui.

I.B.– Dizem que o tango tem quantos passos, trinta e um, sei lá quantos, tu dançavas quantos passos?

J. R. – Como?

I.B. – Tu sabias fazer tudo aquilo?

J. R. – De um modo geral, a gente com a frequência nos bailes, e depois a gente aprendia às vezes particular com um professor de tango, com outro professor de... De samba não existia professor, evidentemente, só existia pra tango, a gente aprendia aquelas figurações, e treinava às vezes fora do próprio baile, vamos dizer, da própria reunião, que existiam muitas reuniões familiares e pequenas sociedades, então, a gente ali praticava o tango, já. E se chegarmos agora um pouco mais longe, minha vida de homem já feito, nos clubes noturnos, chamados na época, cabarés, mudaram de nomes, clubes noturnos era chamados cabarés. E lá então, a gente dançava o tango, e daqui de Porto Alegre saíram bons dançarinos de tango e acredito, eu não sei, não vou me miscuir num assunto que não é

---

<sup>9</sup> Carlos Gardel considerado o mais famoso dos cantores de tango da história.

meu, que Carlos Machado<sup>10</sup> dono da noite do Brasil, dançava nos clubes noturno, cabarés, de Porto Alegre, tenho quase certeza.

I.B. – Tu curtias a noite em Porto Alegre?

J. R. – Como?

I.B. – Tu curtias a noite em Porto Alegre?

J. R. – Curtia!

I.B. – Frequentava cabaré?

J. R. – Frequentei bastante! [riso]... Cabarés e clubes noturnos, como eu uso a palavra, cabaré é um pouco anterior a mim, talvez a palavra, mas até hoje é usada.

I.B. – É usada!

J. R. – É até usada. Mas, ainda peguei o bom tempo dos clubes de noite.

I.B. – E tu bebias também?

J. R. – É sempre se bebe um pouco não adianta, o brasileiro sem um... Usando também um terminho não muito... Não sou do tempo do uísque, eu sou do tempo da caipirinha, ou de uma misturadinha, uma coisa assim dessa família.

I.B. – Vamos ouvir Mano a Mano.

[Mano a Mano (Carlos Gardel) – ao fundo]

I.B. – Rolla, hoje está na moda, voltando à moda a dança de salão, tem escolas hoje ensinando dança de salão. Já te ocorreu ensinar de dança de salão?

J. R. – Olha, eu não cheguei a ser um professor de dança de salão, eu colaborei muito com a dança de salão, mas assim, como amigo, “olha eu sei fazer esse passo, eu sei fazer aquele”, mostrar, explicar, mas profissionalmente não. Profissionalmente eu só fui ser professor de dança clássica, ou dança para teatro.

---

<sup>10</sup> José Carlos Penafiel Machado produtor e diretor de espetáculos musicais brasileiro, conhecido como "O Rei da Noite".

I.B. – O que tu estás fazendo hoje?

J. R. – Hoje, infelizmente *nada*. Eu parei com setenta e cinco anos de idade e fiquei completamente parado e me arrependo até de ter parado há seis anos atrás, estou com oitenta e um, como eu disse. Eu me arrependo.

I.B. – E porque tu não voltas?

J. R. – Tive um convite casualmente ontem a noite, por incrível que pareça, talvez tu conheça, a Carlota<sup>11</sup>.

I.B. – Sim!

J. R. – A Carlota me convidou para colaborar com ela em um espetáculo de linha muito moderno, que ela tem um gosto tremendo, é uma artista que para mim maravilhosa, foi minha aluna durante oito, nove anos, e se tornou já um nome consagrado em Porto Alegre. Se eu não queria tomar parte do próximo espetáculo, eu disse “olha, se o meu médico permitir, estarei lá rememorando os meus tempos”.

I.B. – Quem manda em ti hoje é o médico? Por quê?

J.R. – Porque eu estou na mão do neurologista compreende e psiquiatra, eu tive isquemia cerebral, mas com a graça de Deus, fazendo esse chamado computador... eu não me lembro bem o nome, tomada computadorizada, alguma coisa assim e esse computador, disse o médico depois me transmitiu, disse que a minha isquemia foi presente, me esqueço de pequenas coisas mas que o meu passado estava intacto.

I.B. – Estou vendo, tu lembras do espetáculo da Tony onde tu participaste fazendo ginástica.

J.R. – Sim eu me lembro de muita coisa... me lembro por exemplo da bela adormecida essa que eu fui príncipe encantado, me lembro, e dos meus espetáculos me lembro de muita coisa, inclusive a Carlota pediu se eu podia sem grande movimentação fazer alguma coisa que lembrasse o Rolla do palco daquele tempo.

---

<sup>11</sup> Carlota Cristina Macedo de Albuquerque, ex-aluna da Escola de Dança João Luiz Rolla.

I.B. – O Rolla do palco daquele tempo parece que brilhou com o espetáculo que chamava 2001.

J.R. – Foi.

I.B. – Uma experiência pelas fronteiras... como é que é?

J.R. – Uma experiência pelas fronteiras sem fim da dança, porque eu inovei muita coisa, se não é vaidade, eu inovei muita coisa naquele espetáculo.

I.B. – Tu fizeste a coreografia também?

J.R. – Fiz a coreografia e todo o tema, porque eu não peguei o filme como tema, eu peguei as músicas porque todas as músicas são perfeitamente dançáveis e maravilhosas as músicas. Então o quê que eu fiz? Aproveitei as músicas e desenvolvi esse trabalho e esse trabalho é um... se me permite dizer... foi tão bem recebido, não só no Teatro São Pedro como no Araújo Viana, para um público livre, nessa chamada Semana de Porto Alegre, que existia na ocasião, e eu consegui em três apresentações lá, eu botar quatorze mil pessoas assistindo, para um público de balé é muita gente quatorze mil pessoas. E foi muito bem recebido, e de fato eu tenho até uma passagem curta para contar...

I.B. – Conta.

J.R. – Quando eu estreei no Teatro São Pedro. Bom, estreei, era uma inovação, a maneira que eu fiz porque valeu o aplauso geral do público, mas em todo caso não seja essa razão. Ao término do espetáculo a gente sempre descia a ladeira e ia dar uma voltinha na rua da praia, ia nos cafés que estavam aberto ali pelas onze, onze e pouco, Porto Alegre.

I.B. – E a gente podia ainda andar a pé no centro da cidade, sem nenhum risco, brincando, conversando...

J.R. – Isso, a gente descia a ladeira e dali ia tomar um café, ou ia tomar um aperitivo ou ia em volta lá do mercado etc., etc., mas ao descer a ladeira... eu quando entrei na rua da praia tinha a antiga farmácia Carvalho um casal de velhos me cumprimentou, achei a coisa mais comum, tinha sido um sucesso lá do Teatro São Pedro, se não é vaidade a gente dizer isso, tinha agradado em cheio esse balé e os dois velhinhos me cumprimentaram e eu agradei muito obrigada, e ele diz “não, é que nós estamos saindo agora da farmácia e compramos

um comprimido, nós estamos tão emocionados, para nos acalmar dessa beleza que nós assistimos.”

I.B. – Ah que beleza.

J.R. – Quer dizer, então é uma passagem que enche a vida da gente...

I.B. – E a música ainda te emociona?

J.R. – Ainda, e muito!

I.B. – Então vais te emocionar agora.

[trecho da música: Assim falou Zaratustra de Richard Strauss]

I.B. – Rolla e Alto da Bronze, com essa música do Paulo Coelho, você evocas o que em?

J.R. – Exatamente pergunta... O Paulo Coelho não foi? É eu tinha dito... digo oh, ela falou Paulo Ruchel, eu digo “não, acho que é Paulo Coelho!” E o Plauto que fazia os versos também. O Plauto, o Plauto Azambuja fez os versos. Ela me emociona por uma razão. Em primeiro lugar porque trata de um local que, embora eu não morei ali, eu me criei mais ou menos na zona do Bonfim<sup>12</sup>, onde moro até hoje. Mas morei um período muito grande na última quadra da Rua Riachuelo, pouco abaixo ali do Alto da bronze.

I.B. – Atrás do Alto da Bronze.

J.R. – Na última quadra quando já vai dar no Gasômetro<sup>13</sup> quase. E lá eu às vezes passava pela praça e ali tinha esportes também, tinha a rapaziada, mas o meu motivo maior de me lembrar do Alto da bronze aí é que está a minha pergunta que eu não sei para quem fazer: Se a Horacina Correia que é pouco também lembrada em Porto Alegre, e eu sou saudosista, era cantora de blocos de carnaval, se não foi ela quem gravou pela primeira vez Alto da bronze?

I.B. – Não sei te responder.

J.R. – Não sabes.

---

<sup>12</sup> Bairro Bonfim em Porto Alegre.

<sup>13</sup> Usina do Gasômetro, ou simplesmente Gasômetro, é uma antiga usina brasileira de geração de energia localizada em Porto Alegre.

I.B. – Não sei. Nós não temos com ela, nós temos com a Elis<sup>14</sup>.

J.R. – Sim, mas a Elis é atual. Esta Horacina Correia ela trabalhava como Paulo Coelho mesmo. Por isso que eu perguntei. Ela trabalhava nos cafés de Porto Alegre. Os cafés todos tinham orquestra. A Orquestra do Paulo Coelho tocou uma vida inteira bem na esquina, onde hoje eu acho que é ali, o que é na esquina da Xangrilá?

I.B. – O Café Central? Agora lá é o Ribs.

J.R. – É bem na esquina da Ladeira com a rua da praia pronto. Um lado era o Café Colombo e no outro lado era o café onde tocava Paulo Coelho.

I.B. – Não era o café Central?

J.R. – Não, Central não era. Central era dos Irmãos Medeiros e a confeitaria eu conheço bem. (risos)

I.B. – E tu frequentava o Largo dos Medeiros<sup>15</sup>?

J.R. – Claro, quem é que não frequentou o Largo dos Medeiros. Café América, Café Colombo, mas isso é um pouco anterior eu estou achando. Estou achando que o Alto da bronze é um pouco anterior a estes.

I.B. – E tu fazia parte daquela roda de fuxico lá do Largo dos Medeiros?

J.R. – A rapaziada tinha os grupos não é. Tinha os grupos ali, cada um tinha o seu grupo. O meu grupo pendia um pouco, como eu te disse, para o esporte e também um pouco para uma coisa que eu gostei muito também toda a vida carreira de cavalos.

I.B. – E tu apostava?

J.R. – Fui mais de 50 anos carreirista, jogador de prado, sofredor...

---

<sup>14</sup> Elis Regina, cantora.

<sup>15</sup> O Largo dos Medeiros, onde a Rua da Praia (Rua dos Andradas) encontra a Rua da Ladeira (Rua General Câmara), era tido como “o coração da cidade”. Ali funcionavam o Cinema Central, com capacidade para 911 pessoas, o Café 35 e a popularíssima Confeitaria Central (na fotografia de 1932, é a última porta à direita, na primeira quadra). A confeitaria pertencia aos irmãos Eugênio e Pantaleão Medeiros, que batizariam o largo. (Zero Hora, 14/03/2013)

I.B. – E lá no largo dos Medeiros a gente descobria, a gente não, porque a gente mulher não podia, mas os homens descobriam as barbadadas!

J.R. – Ali era o foco. E tinha o jogo ali os book makers<sup>16</sup>, o jóquei ali na outra ruazinha, na Andrade Neves, logo ali em cima, ali pertinho. Mas tinha os bookmakers os clandestinos por fora ali não é?

I.B. – Então tu ganhaste muito dinheiro nas patas dos Cavalos?

J.R. – Eu tenho uma vivência muito grande.

I.B. – Rolla e hoje tu tens muito dinheiro ainda?

J.R. – Dinheiro? Não... o suficiente para viver, e uma aposentadoria mais ou menos.

I.B. – Tu és aposentado pela Previdência?

J.R. – Não eu fui aposentado pelo Governo do Estado.

I.B. – Pois é tu trabalhasses no Araújo Vianna e pra nós é um espanto hoje a gente falar em um professor de dança no Araújo Vianna

J.R. – É eu trabalhava com a prefeitura, mas depois fiquei pelo Estado.

I.B. – Era uma escola permanente ali?

J.R. – Era uma escola particular em convênio com a prefeitura.

I.B. – Ah! Os alunos pagavam?

J.R. – Os alunos pagavam sim, os alunos pagavam para mim exatamente. Mas eu dava espetáculos gratuitos para prefeitura quando chamado. Por exemplo, qualquer teatro da prefeitura que precisasse de alguma coisa, se precisava fazer a coreografia, fazer a movimentação. Colaborei numa coisa que também tem que ser lembrada, se me permite.

I.B. – Claro

J.R. – A ópera Aida levada... está lá para quem quiser ver num bronze. O maestro Pablo Komlós<sup>17</sup> foi um colosso.

---

<sup>16</sup> Um contador de apostas.

I.B. – Eu esqueci de dizer que tu és placa já do teatro São Pedro não é?

J.R. – Tenho, tenho uma placa.

I.B. – E és cidadão emérito de Porto Alegre?

J.R. – Exatamente. A câmara de vereadores, agora alguns anos atrás, nem faz muitos, fui homenageado como cidadão que colaborou para cultura geral pela nossa querida Porto Alegre, que não pode ser esquecida.

I.B. – E tu és verbete de enciclopédia Barsa<sup>18</sup>. Como é que tu estás lá na enciclopédia?

J.R. – Junto com outros professores, os pioneiros da dança estão na enciclopédia. E eu fui saber dois, três anos depois. Nem sabia que estava citado. Por exemplo a arte no Rio Grande do Sul onde fala em vários professores e fala no meu nome. Eu colaborei sempre com muito gosto o talento vem de Deus que nos dá toda essa força para criar coisas. Mas foi bem aceito pelo povo e aí que eu agradeço por que eu fui muito bem aceito. Porque cada espetáculo que eu levava no Araújo Vianna, como eu disse, na chamada Semana de Porto Alegre... Diziam que a dança era de elite e não é verdade! Comigo não, está lá para quem quiser o bronze. Nesse espetáculo 2001 entre o teatro São Pedro e lá, eu botei catorze mil pessoas. Isso não pode dizer que é elite, é povo. E esperavam com ansiedade a chamada semana de Porto Alegre o dia que tinha algum balé. Não era só meu de outros professores. Mas cada um compete a sua parte. A minha parte era essa.

I.B. – Danúbio Azul<sup>19</sup>.

J.R. – É o Danúbio Azul é uma marcação importante por uma razão. Porque foi uma música batida, cansativa, já enjoativa, mas quando mas quando eu levei o encerramento do balé que eu levei 2001 esse, ele encerra com o Danúbio Azul. O público que assistia não se continha, aplaudiram antes, durante, depois, gritando dada a beleza que é a música proporcionava com a dança, com a criação que eu fiz. Atingiu em cheio o povo. Então aquilo marcou muito a vibração aquela coisa que a gente sentiu.

---

<sup>17</sup> Pablo Komlós foi um maestro húngaro ativo na Europa, Uruguai e Brasil, onde faleceu. Fez seus estudos de regência e composição na Academia Real da Hungria, sob a orientação dos compositores Kodály e Wainer.

<sup>18</sup> Barsa é uma enciclopédia atualmente de propriedade do grupo espanhol Editorial Planeta, que publica enciclopédias em quase toda a América Latina

<sup>19</sup> é uma valsa composta por Johann Strauss II.

I.B. – Eu te perguntei em um determinado momento eu acho que eu te cortei e não te deixei falar como é que tu abdicaste do palco para ensinar e agora tu estás falando neste espetáculo com muita vibração tu subir no palco com os seus alunos ou não?

J.R. – Muito poucas vezes, por que quando eu trabalhei como professor para dançar... Eu cheguei a dançar algumas vezes na minha própria escola, mas muito pouco. Já era 1950, 51, 52 por assim. Eu já tinha bastante idade só aparecia em pequenos papéis assim, de acordo com a minha idade. Eu me dediquei mesmo mais a transmitir para os outros.

I.B. – Pois é mas transmitir para os outros, tu falaste neste talento que tu tens que veio de Deus, mas tu tiveste alunos com talento e alunos sem talento.

J.R. – Ah! Também. Aí pra isso é escola.

I.B. – E aí como tu lida com isso?

J.R. – A gente em primeiro lugar tem que selecionar os alunos que vão se apresentar. E saber o quê que eles... a capacidade de até que ponto eles chegam, para poder ser um bom aluno, um bom artista no caso. E eu tenho muita gente boa que saiu da minha escola.

I.B. – Pois é mas naquela época todas as meninas de família estudavam balé para ficarem graciosas. Então de repente tu encontrava essa menina que não estava estudando porque queria. Por outro lado se encontrava a pessoa de talento que a família de certa forma impedia de continuar. Como é que tu lidava com isso Rolla?

J.R. – De um modo geral a gente estava prevenido já para isto. Se a menina tinha talento a gente procurava mandar estudar fora de Porto Alegre. E a que não tinha talento a gente tinha que chegar com muita elegância, com muita maneira, e dizer: “olha a menina tem um pouco de dificuldade, essa coisa toda, mas pode deixar com o tempo tudo vem” porque a gente precisava também sobreviver com a mensalidade.(risos) Aí a gente tem que equilibrar a história. Mas eu tive bons alunos e um aluno, que talvez tu conheça, hoje ele é secretário geral do Stagium de São Paulo o Ademar<sup>20</sup>. Ele começou comigo assim como um guri, que não tinha nem jeito, mas ali eu senti logo a qualidade e ele estudou muito

---

<sup>20</sup> Ademar Dornelles Patta, ex-aluno da escola de Dança João Luiz Rolla.

comigo e foi embora, seguiu carreira e hoje é assistente do Décio<sup>21</sup> e da Marika<sup>22</sup> no Ballet Stagium.

I.B. – Rolla e quando tu assiste um espetáculo de balé tu te sentes dançando? Tu fica com asas nos pés ou não, tu assistes como um...

J.R. – Não atualmente já não sinto mais, o que eu sinto é uma grande emoção isso sim, sem dúvida. Mas não sinto aquela vontade mesmo de me apresentar. Porque como bailarino talvez eu não tenha atingido o que eu pudesse ter atingido na ocasião pela dificuldade. Agora já como professor e como coreógrafo sim, isso eu pude me realizar e acredito que com bastante sucesso.

I.B. – E coreografia este tipo de trabalho, de exercício, tu estudaste em algum lugar?

J.R. – Não. Inato. Estava inato em mim a maneira de criar. Evidente que a gente aprende um pouco, mas o resto está inato brotava em mim e eu sentia a necessidade de transportar aquilo e transmitir aos outros e fui muito bem recebido durante muitos anos tanto Correio do Povo<sup>23</sup> que era um jornal de época O Diário de Notícias<sup>24</sup> também que era outro jornal de época. Eu abro sempre um parentes para dizer que a vaidade deve funcionar até um certo ponto mas aqui não é vaidade: eu sai no alto da página dos acontecimentos artísticos do ano tanto no Correio, como no Diário, e muito mais mesmo no correio como maior, talvez, melhor espetáculo do ano.

I.B. – Que ano foi o 2001?

J.R. – Eu não me lembro, já não sei.

I.B. – Mas não foi a única vez que tu fostes aplaudido pela crítica.

J.R. – Não, fui sempre, fui sempre. Pelo contrário, não foi num ano só foram vários, vários anos. Ainda num jornal agora, de uma semana atrás ou duas, no Jornal do Comércio que é um jornal aqui, vamos dizer, é específico para comércio, na parte artística falando sobre a

---

<sup>21</sup> Décio Otero, bailarino brasileiro, diretor do Ballet Stagium de São Paulo.

<sup>22</sup> Marika Gidali, bailarina húngara, diretora do Ballet Stagium de São Paulo.

<sup>23</sup> Correio do povo é um Jornal brasileiro com circulação no Rio Grande do Sul.

<sup>24</sup> Diário de Noticias é um jornal brasileiro com circulação em Porto Alegre.

Ospa<sup>25</sup>, e sobre o Guia do Briten eles tocam no meu nome, como um grande espetáculo que foi realizado em Porto Alegre. Sem querer vi, agora questão de quinze dias, vinte atrás.

I.B. – Pois é falaste em Britten e eu estou vendo aqui Benjamin Britten. O quê que tu evoca com ele?

J.R. – É foi este que eu levei um balé chamado A Orquestra, que é bem diferente ele foge a tudo, ele é falado e ao mesmo tempo dançado. Foi uma criação que eu fiz.

I.B. – João Luiz como tu vêes a dança neste momento aqui em Porto Alegre?

J.R. – Olha a dança neste momento para mim é um pouco perigoso e não se deve mesmo criticar nada. Ela talvez não esteja no máximo que eu acho que pode fazer. Mas existe ainda grandes realizadores e muitas pessoas, também como eu no começo trabalhando para o engrandecimento da dança, mas acho que precisamos dar um empurrão, precisamos dar um empurrão.

I.B. – E como é que tu sentes em termos de apoio das autoridades? Por que tu trabalhasse no Araújo Vianna, a dona Lia trabalhou no teatro São Pedro. Como tu sentes hoje o apoio das autoridades?

J.R. – Da minha parte eu tive. Eu tenho essa aposentadoria pelo Estado, embora trabalhando com a Prefeitura em convênio na ocasião. Mas eu não posso dizer nada porque eu não tenho mais escola, não tenho mais nada, eu apenas assisto aos espetáculos. Quem poderá mesmo falar será, no caso, as escolas o pessoal atual.

I.B. – Escuta e tu és, na plateia, tu és muito crítico ou tu te entregas ao prazer daquele espetáculo ou tu ficas analisando?

J.R. – Analisando friamente mesmo, eu me analiso se me emociona, se ele me transmite aquilo que eu acho que a arte em si, não é só a dança, deve transmitir. Bons momentos, momentos de sensação maravilhosa tanto faz na dança, como na música, como canto, como qualquer atividade artística deva transmitir aos espectadores. Se não, perde o sentido. O sujeito está lá sentado assistindo uma coisa e não receber nada. Então ele tem que receber aquele prazer, aquele bem estar. Aí então eu acho que a dança transmite muito no caso.

---

<sup>25</sup> Orquestra Sinfônica de Porto Alegre.

I.B. – Rolla tu não podes imaginar como eu lamento ter um tempo limitado para este programa, se não a gente conversava muito mais. Eu quero encerrar o programa com outra das músicas que fazem a tua cabeça estou vendo aqui a Sinfonia nº. 1 de Prokofiev<sup>26</sup>. O quê que tu evocas ?

J.R. – Eu evoco uma dança que então, de Prokofiev, uma dança individual. Eu tive uma dança individual com as músicas de prokofiev e foi muito aplaudido e muito bem recebida. Então ela me evocou assim momentos que talvez eu não sei dizer, fosse a minha forma máxima de eu transmitir alguma coisa eu como dançarino já e não como coreógrafo ou coisa que o valha.

I.B. – Que forma boa de encerrar o programa.

I.B. – João Luiz Rolla tu fostes muito aplaudido e estás sendo muito aplaudido neste momento por todos nós.

J.R. – Obrigado.

I.B. – Muito obrigada por teres vindo, muito obrigada por existires, muito obrigada pelo trabalho que tu fizestes.

J.R. – Eu agradeço também a sua gentileza de me permitir falar aqui através da rádio e da TV não sei, Então eu fico muito obrigado e à disposição para o que precisar sempre que for não pela minha pessoa mas pela nossa querida leal e valerosa cidade de Porto Alegre.

I.B. – Um beijo.

J.R. – Obrigado

[FINAL DA ENTREVISTA]

---

<sup>26</sup> Serguei Sergueievitch Prokofiev, compositor Russo.